

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

## 6. Uma forma concreta

por Luigi Giussani\*

No Natal celebramos a iniciativa de Deus, que como um «acontecimento» acontece não onde o homem já decidiu, mas onde Ele escolhe, em «uma forma histórica concreta» e «em termos humanamente compreensíveis». Dessa iniciativa nascem vínculos novos entre os homens e surgem lugares que se parecem com «casas», aonde podemos voltar para viver a familiaridade com o Senhor presente.

Nos meses e nas férias que acabamos de passar já vimos «vínculos» e «lugares» (apresentações, testemunhos, momentos de estudos) sendo construídos, nascidos de encontros e acontecimentos inesperados que redefiniram o valor de termos como «virtual» e «à distância», dando carne e sangue ao nosso trabalho de Escola de Comunidade. Convidamos cada comunidade a usar esta retomada como uma oportunidade para continuarmos (ou talvez iniciarmos) a viver nosso caminho com disponibilidade, de maneira criativa e inteligente.

Para nos ajudar a reconhecer esses lugares na nossa história, propomos a continuação do trabalho até o final do mês de janeiro sobre o segundo capítulo, ponto 8. “A forma concreta da eleição é o templo no tempo” (pp. 105-115), do livro de L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019.

*Lembramos que é possível mandar perguntas e testemunhos no site:*  
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>  
*na seção «Scuola di Comunità».*

### 8. A FORMA CONCRETA DA ELEIÇÃO É O TEMPLO NO TEMPO

O eu novo nasce do gesto de eleição de Cristo que o insere na companhia humana gerada por Seu Espírito, na Igreja. Essa eleição assume sempre uma forma histórica concreta.

Cristo toma o homem no Batismo, leva-o a crescer, a tornar-se adulto, e, num encontro, lhe dá a experimentar a proximidade de uma realidade humana diferente, correspondente, persuasiva, educativa, criativa, que de alguma forma o impressiona. Então o homem diz: “Vou com eles”. Ou seja, aceita aderir ao impacto que sentiu, que o impele para essa realidade humana que encontrou. Aceita porque impressionado por alguma coisa, nem que seja um sopro. Porque o Senhor também age à base de sopros: “Antes do Senhor, veio um vento impetuoso e forte, que desfazia as montanhas e quebrava os rochedos. Mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto. Mas o Senhor não estava no terremoto. Passado o terremoto, veio um fogo. Mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, »

\* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades  
*Deixar marcas na história do mundo*,  
São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 105-115.

» ouviu-se uma voz de brisa ligeira”.<sup>128</sup> O Senhor estava no murmúrio dessa leve brisa.

Mesmo por meio de um sopro, ainda que por um único momento, o homem percebe uma espécie de atração, uma sugestão, tem a intuição de algo mais bonito, mais correspondente, melhor. E diz “sim”. Poderia ter encontrado cem mil outros temperamentos ou fascínios humanos: mas foi esse o encontro que teve. Encontrou uma determinada companhia e recebeu o sopro novo de uma promessa de vida, pressentiu uma Presença que corresponde à espera original do coração. Por isso, foi nessa companhia e não noutra que Cristo se tornou companheiro para sua vida e se achega a ele em sua caminhada. Nessa companhia, o homem pode repetir a maior das palavras, a mais assombrosa: “Minha alma se agarra em vós; com poder vossa mão me sustenta”.<sup>129</sup>

O mistério de Deus, que sem isso seria percebido como algo extremamente distante, abstrato, torna-se assim urgência na vida de todos os dias, sugestão para olhar o céu e a terra, emoção e comoção quando a pessoa escancara o coração a uma preferência, que só é verdadeira quando abre à necessidade do mundo inteiro, participando assim da grande piedade de Cristo. Pois de certa forma foi por meio das preferências que a grande piedade de Cristo floresceu no mundo: João, Simão... Mas não teria sido uma verdadeira preferência se não tivesse sido o sinal da grande, da nova piedade de Cristo pelo mundo inteiro.

A companhia com que nos deparamos tem determinadas características: é, portanto, pelo encontro com determinadas características, com uma determinada ênfase, com uma determinada atração, com uma determinada figura, que vimos a fazer parte dela.

### *A morada do homem*

Deus revela-se à sua criatura no tempo e no espaço, portanto em termos humanamente compreensíveis. O seu Mistério, enquanto Mistério, é comunicado ao homem de maneira irresistível.<sup>130</sup> Essa afirmação traz em si uma característica absolutamente paradoxal: Cristo, como significado de todo o tempo e de toda a história, entra em comunicação com o humano, revela-se a Si mesmo, num ponto do tempo e do espaço. Por meio das circunstâncias contingentes e definitivamente dadas, explicita-se documentalmente o que o homem é chamado a ouvir, conhecer, reconhecer, testemunhar a respeito da escolha familiar a que Deus se liga e que condiciona a relação com Ele. Essas circunstâncias implicam um lugar, no qual Deus pede ao homem que tudo convirja e se realize como sinal de Sua relação com o homem e do homem com Ele, e que tudo seja totalmente determinado pela vontade de Deus na história. Biblicamente, esse lugar chama-se “morada”, “casa”, “templo”. O templo é o lugar em que o homem, ouvindo a voz e a mensagem do seu Senhor, encontra a Sua companhia, é o lugar em que o Senhor indica o caminho, o trecho de caminho que Lhe interessa assinalar, e onde tudo (a companhia entre os homens e com as coisas) chama a atenção para o Destino que se aproxima. Essa é a resposta à exigência última da razão do homem, exigência que se exprime nas palavras de Moisés: “Mostra-me a tua glória; se não caminhar comigo, não nos faças subir deste lugar”.<sup>131</sup>

Um Outro nos fez encontrar aquilo que é decisivo para nos introduzir na relação segura e definitiva com o nosso Destino. E a forma desse encontro é uma companhia precisa, cujo início e cujo desenvolvimento podem ser datados, que tem um rosto que a diferencia de todas »

<sup>128</sup> 1Rs 19,11-12.

<sup>129</sup> Sl 63(62),9.

<sup>130</sup> Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 220-221.

<sup>131</sup> Cf. Ex 33,11.15.18. Cf. também L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit., pp. 33-34.

» as outras companhias. O Outro faz conosco exatamente o que faria um pai – “um bom pai”, acrescentaria Péguy –, que procura tornar a proposta que faz a seu filho o mais adaptada, o mais adequada possível a ele.

Essa companhia que nos é fixada pelo Espírito de Cristo tem uma estrutura, uma ossatura, um parâmetro constitutivo preciso.

Esse parâmetro fundamental, para a constituição da estrutura dessa companhia, é a “casa”, ou “morada”. Uma morada é como a coagulação da companhia, da comunidade, da caridade, numa dimensão real e cotidiana de espaço. É dessa casa que tudo parte, que tudo pode começar de modo novo, que tudo é incrementado, ordenado, reforçado, coberto de ternura. Tudo se torna amor: passam a ser possíveis objetos de amor aquelas pessoas que encontramos na rua, aquelas que encontramos por acaso no elevador, aquelas com quem nos chocamos no metrô e até as pessoas com quem compartilhamos esse espaço ou gesto, para a maioria sem sentido, que é o trabalho. A partir dessa morada, tudo se pode tornar objeto de amor.

A grande morada da Igreja encarna-se, concretiza-se em terminais capilares (como as veias, que terminam em capilares finíssimos), e assim se torna presente em todos os lugares, escolhidos de antemão pelo desígnio de Deus. A grande morada da Igreja concretiza-se dentro das casas, dos lares, que indicam a condensação, a coagulação da sua vida numa dimensão cotidiana de espaço e de tempo.

Essa morada pode ser de duas espécies.

#### a) *Família*

A família é a casa daqueles que são chamados a formá-la e, por conseguinte, a moldar o instrumento gerador do qual provém o sujeito de toda a ação histórica, o protagonista do desígnio de Deus, que é o homem. Esta é a vocação normal, sem a qual a história terminaria: a família, raiz do perene desenvolvimento da história, casa de Jesus, morada do Filho do homem.

A família é um sinal original, dado pelo próprio Criador. De fato, é fixado, não somos nós que decidimos aquilo que é mais decisivo como instrumento para nos introduzir na relação definitiva com o destino, e portanto, já a partir de agora, com a verdade, a beleza e a justiça na relação com qualquer coisa e com qualquer pessoa: é um Outro quem estabelece esse instrumento. Precisamente Aquele que dá à nossa natureza a urgência constitutiva de uma reciprocidade de estima e de gratuidade, foi precisamente Ele quem criou a primeira figura experimental, que perdurará por toda a história como um lugar onde essa urgência de caridade se torna estável e essencial: a família.

A companhia entre o homem e a mulher existe para a geração de um povo. Um homem e uma mulher casam-se: esse gesto significa que cada um deles identifica no outro o sinal da relação com o todo, com o sentido de tudo, sinal este doado por Deus à sua vida. O encontro entre um homem e uma mulher não pode ser definido pela finalidade exclusiva de ter filhos, mas, antes de mais nada, pelo fato de serem um para o outro uma companhia rumo ao Destino, enquanto realização da finalidade fundamental de qualquer tipo de companhia humana. Assim, esse vínculo torna-se exemplo de qualquer outro tipo de companhia. Nesse ideal da família inspira-se também a própria forma de convivência daqueles que se consagram a Deus; e quem vive a família, por sua vez, encontra em todos os que se consagram a Deus um exemplo prático, fonte de incentivo e de conforto para si, da plenitude desse ideal.

Efetivamente, Deus quer na história a continuidade dessa companhia inicial entre o homem e a mulher, e para tanto torna-os pai e mãe. Assim, um homem e uma mulher só podem fundar uma relação estável e ser um para o outro uma companhia rumo ao Destino na medida em que estiverem dispostos a colaborar com o desígnio que Deus tem para o mundo, co- »

» laborando com a criação, a geração de um povo que percorra todo o caminho da história para desembocar no mar da glória definitiva de Cristo, no último dia.

O que é preciso para que um homem e uma mulher se tornem pai e mãe? Em primeiro lugar, que haja um olhar diferente entre eles. Um homem que só olhasse para sua mulher por causa da ternura que esta lhe desperta ou da palpitação que lhe provoca poderia procriar, tornar-se pai, num sentido meramente biológico, até por acaso. Mas Deus, vigilante, toma também em suas mãos esse primeiro momento sem sentido e de imediato o preenche com o significado pelo qual deve ser vivido, de que é feito. Logo que a criança é concebida, o pai, que tem a sensibilidade mais esquiva, mais dura, depois da primeira surpresa começa a refletir. Olha para sua mulher de um jeito diferente. Ambos se olham de uma maneira nova. A primeira condição para a nova maneira de se olharem é continuarem juntos, o vínculo essencial, do qual se extrai o perfume do pertencer. É então que começa a melhor parte: a gratuidade. Em virtude da gratuidade, ainda que a mulher traísse o homem, o homem perdoaria, e vice-versa. E, sobretudo, mesmo que a mulher já não agradasse, o caminho continuaria a ser o mesmo e o vínculo permaneceria igual, aliás, mais perfeito, ou seja, mais gratuito. Nessa gratuidade, o amor é quase obrigado a comprimir-se dentro da passagem estreita que o levará a desembocar na caridade.

É um Acontecimento que dá início a esse vínculo, tal como uma criança dá novo início a uma família: n'Ele sobressai o vínculo estável, ou seja, o pertencer. A vida, aqui, começa a ser satisfeita, a gozar de si própria em sentido criaturalmente justo. Dá-se um salto qualitativo no olhar entre o homem e a mulher, em que se torna possível o respeito (*respicere*), e a relação passa a ser cada vez mais significativa, como sinal da totalidade, ou seja, como sinal da colaboração para o Reino de Deus. A consciência de participar da construção do Reino de Deus infunde uma onda nova no coração, que leva o sentimento amoroso – através de uma provação terrível, que se chama cruz – a tornar-se autêntica caridade, a chegar até a virgindade, a gratuidade, ou seja, até a caridade como participação da virgindade, uma vez que a virgindade é a totalidade da vida vivida no reconhecimento de que Cristo é tudo em todos.<sup>132</sup>

#### b) *Mosteiro*

A segunda forma de morada é o mosteiro. Entre todas as palavras que indicam a “morada” daqueles que são chamados à virgindade como forma de vida, esta é a mais significativa, do ponto de vista etimológico. Mosteiro deriva de *monos* (sozinho, isolado, solitário); de fato, a relação da humanidade com Deus, com o Mistério, passa a ser consciência, liberdade e amor no indivíduo, torna-se um eu novo. Mas “mosteiro” significa muitos eus que estão juntos. Mesmo o exemplo do eremita possui uma provisoriedade que não faz dele uma lei: todos os *monoi*, de uma forma ou de outra, exprimem e documentam o fato de serem, entre eles, uma coisa só na Igreja de Deus. Juntam-se. Eis, então, a outra palavra, análoga à palavra mosteiro: “convento” (juntar-se).

Mosteiro, convento ou, como expressão de novas formas de consagração a Deus, “casa”,<sup>133</sup> dependendo das várias modalidades de chamado, são feitos, criados, construídos por aqueles que foram escolhidos como pedras vivas<sup>134</sup> para formar, para gerar uma existência que todos possam experimentar, mediante a qual seja demonstrado, pela própria forma visível dessa existência, que “só Ele é”: no mosteiro, no convento ou na casa, essas pedras vivas, aqueles que são chamados e escolhidos, estão lá para demonstrar, na virgindade, forma visível da sua própria vida, que só Ele é, ou seja, que Cristo é o Rei do Universo (*Christe cunctorum* »

<sup>132</sup> Cf. Cl 3,11.

<sup>133</sup> Cf. L. Giussani, “Deus: o tempo e o templo”, op. cit., pp. 20 e 23.

<sup>134</sup> Cf. 1Pd 2,5.

» *dominator alme*<sup>135</sup>), e que tudo n’Ele tem consistência (*omnia in Ipso constant*<sup>136</sup>).

Mosteiro, convento ou casa são, portanto, o lugar criado para que aqueles que nele habitam aprendam a proclamar diante de todos, a cada instante – toda a sua vida é feita para isso – que Cristo é a única coisa pela qual vale a pena viver, que Cristo é a única coisa pela qual vale a pena que o mundo exista.

Portanto, a morada – que tem existência concreta como família, mosteiro, convento, “casa” dos *Memores Domini*<sup>137</sup> ou grupo de Fraternidade<sup>138</sup> – é o lugar – o templo – onde alguém aprende a ver no tempo e no espaço, na pessoa concreta do outro, o mistério de Cristo. Dá para perceber, portanto, por que também a comunidade na escola ou na universidade é como uma casa ou uma família, por que a comunidade no local de trabalho, a comunidade do bairro ou determinado grupinho são também uma casa ou uma família, parte de uma morada total, maior, que se chama Igreja. Assim, descobrimos também o valor dessa parcela de Igreja que existe onde moramos e se chama paróquia, ou seja, a realidade do amor de Deus perto de nossa casa (paróquia, etimologicamente, significa “perto de casa”). E lá também a comunidade, a amizade entre nós, alimenta-se dos Sacramentos, alimenta-se da palavra de Deus anunciada. Que grandeza adquire a imagem da paróquia quando pensamos que uma paróquia só tem vida como Igreja! Uma paróquia não pode viver sozinha, não subsiste: é um pedaço de Igreja onde eu moro.

Na casa, na família, entre esses amigos, encontra-se continuamente o Acontecimento dessa Presença, que, quando reconhecida, muda o olhar e o sentimento de si e de todas as coisas. Na casa, a pessoa vê no outro o mistério de Cristo presente como rosto. A pessoa aprende com as próprias dificuldades da relação – iluminadas pelo juízo da presença d’Ele – a ver no outro o mistério de Cristo. Para cada um de nós, a companhia torna-se verdadeira quando se coagula no espaço de uma morada cotidiana real: uma casa, uma morada em que todas as coisas são julgadas de modo que seja possível pressentir seu destino comum, sua meta comum. Assim, a relação com todas as coisas converte-se numa oportunidade de bem no presente que passa, capaz de constantemente recuperar, provocar letícia, ser fonte de alegria, de segurança e de amor, cujo ponto culminante é o perdão. A tradição cristã sempre teve esse sentimento de veneração pela morada terrena que reflete a glória de Cristo no mundo:

Ó casa luminosa e esplêndida,  
amo tua beleza desde sempre,  
como amo o lugar em que habita a glória de meu Senhor,  
Aquele que te construiu e te possui.  
Por ti aspire a minha peregrinação:  
e Àquele que te fez digo  
que possua também a mim em teu interior,

»

<sup>135</sup> C. Blume (Org.) “Christe cunctorum dominator alme”, hino da dedicação do templo. In: *Analecta Hymnica Medii Aevi*, vol. 27, Leipzig, 1897, p. 265.

<sup>136</sup> Cl 1,17.

<sup>137</sup> Os *Memores Domini* são pessoas que vivem a consagração a Cristo e à Igreja na virgindade. Essa experiência nasceu no movimento de Comunhão e Libertação. A associação *Memores Domini* (comumente denominada “Grupo Adulto”) propõe-se a exercer uma presença missionária por meio da forma da virgindade, para levar a fé de volta à vida dos homens, encontrando-os em todos os lugares, mas, de modo particular, nos diversos ambientes do mundo do trabalho: escola, escritório, indústria. Os *Memores Domini* normalmente vivem juntos na “casa”, numa companhia específica formada por no mínimo três e no máximo doze pessoas.

<sup>138</sup> A *Fraternidade de Comunhão e Libertação* é uma associação pública de fiéis, reconhecida pelo Pontifício Conselho para os Leigos em 11 de fevereiro de 1982.

» pois a mim também Ele me fez.  
[...]  
Jerusalém, morada eterna de Deus,  
que a minh'alma não se esqueça de ti:  
depois do amor por Cristo, sejas tu a minha alegria;  
que a doce lembrança de teu nome bem-aventurado  
me levante da tristeza e do que me oprime.<sup>139</sup>

O que devemos construir é outro mundo, e nós somos suas primeiras testemunhas. Somos testemunhas de uma unidade normalmente impossível que se faz experiência, e torna possível a suportação, a paciência e a misericórdia uns com os outros, a plenitude da partilha, a magnanimidade em todas as circunstâncias. Fomos chamados a dar início à criação deste mundo novo. A casa é o espaço em que a relação com Cristo se fixa em todas as nossas ações, em cada gesto nosso, e nos torna, portanto, construtores de uma realidade nova.

A morada (família, mosteiro, casa) indica a realidade em que vivemos, nas relações cotidianas, com paciência, com compreensão, em que tudo é para nós, em que tudo nos acolhe, em que tudo nos impele à esperança, em que tudo cura as feridas, em que tudo de nós, tudo o que somos, é acolhido. Como dizia Gregório de Nissa: “O vínculo da nossa unidade é uma autêntica glória”.<sup>140</sup>

Por intermédio desses capilares, a Igreja vive no grande contexto do mundo inteiro. A Igreja é a realidade a que Deus confiou o sentido do tempo. Assim, ano após ano, século após século, de um homem para outro homem, a Igreja veicula o sentido da história. Fora da Igreja, tudo se despedaça e se torna detrito. Por conseguinte, cada um de nós, como lembra o profeta Isaías, é chamado a ser “restaurador de ruínas”,<sup>141</sup> de humanidades destruídas. Cada um de nós, no lugar em que está, torna-se todos os dias sinal da bondade de Jesus, de Seu desejo de bem para o homem: “Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão por elas, porque estavam... como ovelhas que não têm pastor”.<sup>142</sup> Nós somos parte desse Seu pastorear, da piedade que tem pela humanidade em busca do bem, da verdade, do amor, da justiça e da felicidade. De fato, “quem poderá falar do amor ao homem que é próprio de Cristo, transbordante de paz?”<sup>143</sup>

Um Acontecimento gera continuamente um vínculo, um pertencer, um modo de vida diferente, uma moralidade nova, uma perfeição, da qual vem o fruto que colabora para a realização do jardim terrestre, do paraíso terrestre. Assim, temos a nossa parte no cumprimento do desígnio de Deus, na explosão da glória humana de Cristo na história.

<sup>139</sup> “O domus luminosa et speciosa, dilexi decorem tuum, et locum habitationis gloriae Domini mei, fabricatoris et possessoris tui. Tibi suspiret peregrinatio mea, et dico ei qui fecit te, ut possideat et me in te, quia fecit et me. [...] Hierusalem domus Dei aeterna, non obliuiscatur tui anima mea: post Christi dilectionem tu sis laetitia mea: dulcis memoria beati nominis tui sit releuatio moeroris et taedii mei” (João de Fécamp. “Confessio theologica” 23, 39. In: *Pregare nel Medioevo*. Milão: Jaca Book, 1986, pp. 241-242).

<sup>140</sup> “Hujus autem unitatis nexus est gloria” (Gregório de Nissa. *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*, Hom. xv, PG 44, 1118 A).

<sup>141</sup> Is 58,12.

<sup>142</sup> Mt 9,36.

<sup>143</sup> Cf. Dionísio, o Areopagita. *De divinis Nominibus* 953 A 10.